

O LIVRO DIDÁTICO E A ETNICIDADE: A NÃO EXISTÊNCIA DA GEOGRAFIA NOS LIVROS DE ENSINO BÁSICO NO BRASIL

Aline Santos Ferreira

Mestranda no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia/UFBA; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA (2020); Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira pela UFRB (2019);

E-mail: ninesafera@gmail.com

Wilma João Nancassa Quadé

Mestranda no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) Universidade Federal da Bahia/UFBA; Licenciada em Sociologia e Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB; Embaixadora da Juventude da ONU desde 2019;

E-mail: wilmanancassa@gmail.com

Resumo: O artigo desenvolvido visa fazer uma análise sobre o livro didático no Ensino Básico nas escolas particulares. Para tanto, utilizou-se o livro de Geografia do quinto ano da Coleção *Sistema de Ensino Sucesso*, utilizado nas escolas particulares em todo o Brasil. A metodologia para a produção deste artigo é de cunho qualitativo realizado com base no referencial teórico trabalhado. Pretende-se observar, a abordagem metodológica do Ensino da História da África, exigido nas escolas relacionando com os parâmetros exigidos pela Lei 10.639/2003 em que determina as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Analisam-se também quais foram/são os costumes oriundos de África, a verdadeira importância que a raça negra teve na construção étnico-racial, trazendo contribuições para a formação do povo brasileiro. Portanto, observamos se é realmente trabalhada a história da cultura afro da forma que deveria ser ou superficialmente não mostrando a organização social e econômica que se tinha/tem na África e nem a sua verdadeira história.

Palavras-chave: Ensino étnico-racial; Livro didático; Geografia africana.

Abstract: This article aims to analyze the textbook used in elementary education in private schools, focusing on a Geography book from the 5th grade of the "Sucesso Educational System" Collection, which is used in private schools throughout Brazil. We examine how the teaching of African History, required by Law 10.639/2003, is presented in this book. Specifically, we investigate whether it covers African or Afro-Brazilian geography, analyzing the customs originating from Africa and highlighting their relevance to the present day. We explore the true importance of the black race in the construction of ethnic-racial identity, examining whether the history of Afro-descendant culture is adequately addressed in schools and textbooks, or merely superficially. Furthermore, we assess whether the books depict the social and economic organization that existed/exists within Africa and its true history.

Keywords: Ethnic-Racial Education; Textbook; African Geography

Introdução

A realização deste trabalho se insere no quadro do cumprimento das atividades avaliativas no âmbito da disciplina *Matrizes africanas do território brasileiro*, ministrada pelo professor Rafael Sanzio. A disciplina fez-se leitura, debates e problematização de várias questões acerca da sociedade brasileira, sobretudo de como os livros didáticos não refletem a diversidade racial existente e a complexidade das relações étnico raciais em nossa sociedade. Igualmente, pensar que maneira o racismo geográfico é uma realidade explícita quando se trata do racismo estrutural existente na sociedade brasileira. Sendo assim, ocorreu o desdobramento das reflexões que surgiram com base no assunto estudado, motivando a produção deste artigo com o intuito de aprofundar as análises sobre a apresentação da população africana nos livros didáticos de Geografia no 5º ano, em que não se demonstra a importância do continente africano – valores e costumes de seus povos – para o fim dos preconceitos e estereótipos advindos da colonização e que são perpetuados até os dias atuais. Para a realização deste presente trabalho foi feita a escolha do material específico a ser

analisado, bem como uma leitura aprofundada e detalhada do livro avaliando as imagens, as representações e a linguagem referente às relações ético-raciais.

O livro escolhido por nós para a realização desta atividade é um livro didático do Ensino de Geografia do 5º ano utilizado exclusivamente nas escolas particulares, logo não é fornecido para as redes municipais. Contêm em sua ficha técnica todas as normas exigidas para uma publicação.

FICHA CATALOGRÁFICA- 01

Autoras: Maria Eduarda Noronha e Maria Luíza Soares
Coleção: Sucesso Sistema de Ensino
Título: Manual do Educador Geografia 5ª ano
Editoras: Isabela Nóbrega e Márcia Regina Silva
Revisão: Elenita Maciel
Editoração eletrônica: Fábiana Negromonte
Projeto gráfico: Luciana Bacelar
Direção de arte: Wilton Carvalho
Ilustrações: Edvaldo André, Gabriel Reis e Robson Olivieri.
Coordenação editorial Distribuidora de Edições Pedagógicas Ltda: Rua Joana Francisca de Azevedo, 142 – Mustardinha. Recife – Pernambuco – CEP: 50760-310
Fone: (81) 3205-3333 CNPJ: 09.960.790/0001-21 – IE: 0016094-67
Impresso no Brasil.
ISBN: 978-85-7797-871-7
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

do Ensino Fundamental I, contendo todas as matérias e sendo vendidos exclusivamente para escolas particulares. A análise é feita da matéria de Geografia do 5º ano.

A imagem ao qual compõe a capa vem trazendo crianças de diferentes etnias e de cores, ilustrando a diversidade existente em nosso país, mostrando na contracapa crianças deitadas com o sentimento de prazer em folhear e ler um livro como uma forma de incentivo. Porém, a diversidade étnica existente na primeira capa não aparece muito no restante do livro, apresentando assim na obra a maioria de crianças brancas tendo essa sensação de prazer.

O livro traz a informação de que foi feito todos os esforços para localizar os detentores dos direitos das fotos, das ilustrações e dos textos contidos neste livro. A Distribuidora de “Edições Pedagógicas” pediu desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico. O conteúdo deste livro está adequado à proposta da BNCC, conforme a Resolução nº 2, de 22 de dezembro de 2017, do Ministério da Educação.

A concepção geográfica aparente e explícita no livro se aproxima mais da descritiva conservadora e boa parte das imagens/ilustrações contidas no decorrer do livro contém pessoas negras e/ou indígenas, porém com uma abordagem genérica e superficial que não colabora para a construção de um conhecimento crítico sobre a temática trabalhada.

Os países europeus se beneficiaram e lucraram muito com o descobrimento das Américas, pois para o autor Rodrigo Guerra (2020), a América foi inventada e criada pelos europeus, para a historização dos seus benefícios em se apropriarem daquelas terras. Já para o autor Edgard Lander:

A conquista ibérica do continente americano é o momento inaugural dos dois processos que articuladamente conformam a história posterior: a modernidade e a organização colonial do mundo. Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas simultaneamente a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (Mignolo, 1995) e do imaginário (Quijano, 1992). Dá-se início ao longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo - todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados- numa grande narrativa universal. (LANDER, 2005, p.10)

Diante do exposto, entende-se que existem diversidades que devem ser respeitadas, todavia, no livro não são apresentadas de forma específica qual grupo social é alvo dessas desigualdades e qual é atingido diretamente por essa violência racial.

Desta forma, o livro não se posiciona no sentido de apontar e de nomear as situações e coisas pelo nome. Demonstra-se que se tem uma consciência da existência dos problemas sociais e raciais, mas, ao mesmo tempo, ressalta-os como se fossem normais e naturais na sociedade brasileira. Com isso reflete a forma de organização ao qual o europeu orquestrou e arquitetou para assim se destacar perante o mundo, pois segundo Aníbal Quijano (2005):

A Europa não somente tinha o controle do mercado mundial, mas pôde impor seu domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao “sistema-mundo” que assim se constituía, e a seu padrão específico de poder. Para tais regiões e populações, isso implicou um processo de re-identificação histórica, pois da Europa foram-lhes atribuídas novas identidades culturais. [...] Na produção dessas novas identidades, a colonialidade do novo padrão de poder foi, sem dúvida, uma das mais ativas determinações (p. 121).

Diante do exposto e com base nas leituras feitas mediante a realização deste trabalho não foi possível identificar o conceito de espaço geográfico adotado pelo livro. Sendo assim, o livro faz abordagens sobre várias questões de forma genérica, necessitando de um

aprofundamento no que se refere às questões sociais, raciais e de colonização trazendo uma linguagem adequada para os alunos do 5º ano. .

O livro é organizado em cinco capítulos, contendo grande parte para as explicações dos espaços de vegetação geográfica; das diferentes regiões que compõem o Brasil, traz a economia e as suas transformações espaciais juntamente com a cultura, dando um pouco mais de ênfase na região Nordeste.

Figura 1: Vegetação-02



Traz especificações das zonas urbanas, das diferenças existentes entre zona rural e das cidades, mas precisa de uma leitura social que envolve as pessoas que vivem nesses espaços e principalmente como as relações se dão nesses lugares.

Observam-se muitas imagens de rios, florestas, pântanos, imagens de grandes cidades, de alguns lugares com um plano urbanístico cheio de prédios, porém em nenhum momento aparecem imagens de outros espaços periféricos como as favelas, já que é nesses espaços que vemos as desigualdades raciais, sociais, culturais e econômicas existentes na sociedade brasileira.

O Ensino da História da África juntamente com a Geografia é garantido e afirmado por lei para ser efetivado nas salas de aulas em todo o território brasileiro, independente da instituição sendo esta privada ou pública, não só através de livros didáticos como também através de outras fontes de conhecimento. Logo, não existe nenhum capítulo específico neste

livro que aborde de forma clara e detalhada as questões raciais, infelizmente, as questões aparecem de forma separada, descontextualizada e rasa. Praticamente não explica como se deu a origem do povo brasileiro, o que de fato seria a origem da desigualdade da sociedade brasileira e qual grupo social era mais afetado :

Diferenças étnico-culturais e desigualdades sociais

Vários povos fazem parte da história do Brasil. Percebemos isso pelas diferenças físicas e culturais entre as pessoas. A mistura dessas diferenças chamamos de miscigenação. A miscigenação pode ser observada nos traços físicos das pessoas, nos costumes e nas tradições. É a mistura de diferentes povos, como indígenas, africanos, europeus e asiáticos. Todos esses povos deram origem ao povo brasileiro. Entretanto, o Brasil está entre os países que mais promovem a desigualdade social, que está presente nas condições de moradia, de emprego e de acesso a serviços públicos. Isso acontece porque a distribuição de renda é feita de modo desigual: poucas pessoas recebem muito, e muitas pessoas recebem pouco. A desigualdade social tem provocado sérios conflitos entre as pessoas, além da persistência da fome e de doenças. A luta contra a pobreza extrema é, sem dúvida, um dos maiores desafios da nossa civilização. (p.26 Sucesso Sistema de Ensino)

Essa é uma das passagens do livro que aborda a questão da diversidade vigente na sociedade brasileira, as desigualdades sociais visíveis em todos os lugares do Brasil, enaltecendo a questão da miscigenação como um processo normal, espontâneo e involuntário. Desta forma os negros africanos segundo Gomes (2016) trouxeram:

No plano econômico, os negros serviram de força de trabalho, fornecendo a mão de obra necessária às lavouras de cana-de-açúcar, algodão, café e a mineração. Uma mão de obra escravizada-sem remuneração, tratada de maneira desumana e submetida a condições de vida muito precárias. No plano demográfico, os africanos ajudaram no povoamento do Brasil, tão grande era o tráfico negreiro. A título de exemplo, a evolução demográfica, segundo alguns autores, mostra que, até 1830, os negros constituíam 63% da população total, os brancos 16% e os mestiços 21%. No plano cultural destacam-se notáveis contribuições, no campo da religiosidade, na arte visual, na dança, na música, na arquitetura etc.[...] No plano da língua os africanos introduziram um vocabulário desconhecido no português original e que faz hoje parte do falar brasileiro [...] Alguns exemplos: acarajé, angu, axé, bagunça, balangandã, bunda, bumba, cafuné, canjica, fubá, caruru, ginga etc.(GOMES, 2016, p.21).

Deste modo, a cultura ao qual faz parte de um povo deverá ser referenciada e contada na história da formação do povo brasileiro como uma forma de olharmos para os nossos ancestrais do passado e conectarmos com o nosso futuro, para que assim possamos dar continuidade à evolução da nossa sociedade.

Esta imagem constitui uma das partes na qual as questões sociais, diferenças étnicas e culturais existentes aparecem no contexto do Brasil, mas ainda aqui, como pode se constatar na imagem, a questão racial não é mencionada, como se ela não existisse. Logo, as

complexidades da sociedade brasileira são totalmente visibilizadas e tratadas com total neutralidade.

Figura 2: Diferenças étnico-culturais e desigualdades sociais-03.

26

Foto: Freepress/Contrasto

Diferenças étnico-culturais e desigualdades sociais

Vários povos fazem parte da história do Brasil. Percebemos isso pelas diferenças físicas e culturais entre as pessoas. A mistura dessas diferenças chamamos de **miscigenação**. A miscigenação pode ser observada nos traços físicos das pessoas, nos costumes e nas tradições. É a mistura de diferentes povos, como indígenas, africanos, europeus e asiáticos.

Todos esses povos deram origem ao povo brasileiro. Entretanto, o Brasil está entre os países que mais promovem a desigualdade social, que está presente nas condições de moradia, de emprego e de acesso a serviços públicos. Isso acontece porque a distribuição de renda é feita de modo desigual: poucas pessoas recebem muito, e muitas pessoas recebem pouco. A desigualdade social tem provocado sérios conflitos entre as pessoas, além da persistência da fome e de doenças. A luta contra a pobreza extrema é, sem dúvida, um dos maiores desafios da nossa civilização.



26
Geografia | 5º ano | Ensino Fundamental

Fonte: Livro Didático Manual do Educador, 5ª ano.

No livro fala-se pouco sobre os povos indígenas, asiáticos e europeus no processo de formação da sociedade brasileira mais uma vez, sem fazer nenhum tipo de problematização, não evidenciando as violências que marcaram esses processos, trazendo quase a inexistência em nossa população e cultural dessas pessoas em nosso processo de formação social.

Devemos nos atentar que este material é destinado aos educadores (as) que lecionam no 5º ano no Ensino Fundamental I, para assim terem uma orientação mais profunda de como trabalhar esse livro didático com os seus alunos, porém, não encontramos nenhum capítulo que seja dedicado ou que abordasse profundamente o sistema escravista vigente há quase

quatro séculos no Brasil. No livro inteiro quando essa questão aparece ela é sempre abordada numa perspectiva extremamente natural sem nenhuma explicação.

Figura 3: As danças: Capoeira e Frevo (cultura brasileira)-04

69

Grupos étnicos

A miscigenação étnica e cultural do indígena, do branco e do negro foi o pilar para a formação da população do Nordeste, porém essa mistura de etnias não aconteceu de forma uniforme. Em algumas regiões, como no Ceará, na Paraíba e no Rio Grande do Norte, predominaram os caboclos; já em outras, como na Bahia e no Maranhão, os mulatos predominaram; os cafuzos também são muito comuns no Maranhão.



Aproximadamente $\frac{1}{4}$ dos nordestinos têm origem **européia**, sobretudo portuguesa. Essa mistura de povos contribuiu para a grande diversidade cultural, composta por manifestações variadas, como festas típicas, danças, ditados populares, religião, entre outras.



69

Geografia | 5º ano | Ensino Fundamental

Fonte: Livro Didático Manual do Educador, 5ª ano.

No texto, quase não aparece termo, “negro” e sim mulato para se referir as pessoas negras, não existe um único parágrafo explicando a origem da população preta/negra no Brasil. Quase nenhuma explicação coerente ao sistema escravista ou porque a desigualdade atinge maioritariamente as pessoas negras.

O livro tem uma relativa presença das pessoas negras no seu teor, elas não estão necessariamente em condições de subalternidade e/ou periféricas, no entanto, não existe nada que explique as origens, condições sociais, desigualdades raciais ou zonas na qual a maioria vive. Estamos tratando de um material escolar que não estabelece nenhuma ligação com a realidade contextual do Brasil.

Desta forma, não se posiciona diante dos problemas vigentes, não se posiciona com uma postura antirracista em momento algum e ainda aborda a escravidão, a colonização e a miscigenação como um simples acontecimento do passado e que inclusive deixou apenas coisas boas para o Brasil, que seria a diversidade étnico-cultural. Para Gomes (1995):

A democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação dos estereótipos sobre o negro, reforçando as várias modalidades do pensamento racista brasileiro: ora a suposta inferioridade biológica do negro, ora a suposta inferioridade sociológica do negro, justificando e mantendo as desigualdades sociais (p.61-62).

Pode-se dizer que o livro didático é uma das grandes armas para a continuação do racismo estrutural e simbólico no Brasil, pois no 1º capítulo do livro vem trazendo o tópico “O sujeito e o seu lugar no mundo”, onde traz a imagem de uma criança branca segurando o globo terrestre, como se o futuro da nossa nação estivesse nas mãos das crianças brancas e não negras, um questionamento com um poema e um mapa do Brasil, com diferentes imagens de homens e mulheres de várias etnias. O livro não traz nenhuma definição sobre o multiculturalismo e sim uma pesquisa para que os alunos façam e emitam opiniões do que seja a diversidade cultural existente no Brasil.

Traz a divisão política das cinco regiões existentes e a capital federal, juntamente com os estados e capitais ao qual compõem cada um. Sendo sempre representado com crianças brancas com livros e nunca crianças negras, já trazendo um estereótipo sobre a inteligência de uns e a falta em outras crianças.

Dando continuidade no 1º capítulo com o subtópico “A singularidade geográfica das regiões brasileiras e a identidade nacional”, referindo à formação da identidade e da criação da identidade nacional brasileira. Neste tópico, as autoras explicam superficialmente cada região, trazendo os estados e falando da região Nordeste somente como sendo as primeiras terras a serem vistas pelos descobridores do novo mundo.

Em seguida com o tópico “População brasileira”, trazendo as categorias de idosos, jovens e adultos na pirâmide etária. Nessa parte são apresentados os indígenas como ocupantes do espaço geográfico há mais de 10 mil anos onde hoje é localizado o Brasil.

Trazem os europeus especificamente, os portugueses para colonizar o Brasil e rapidamente traz os negros africanos para trabalharem como escravos nas lavouras de cana-de-açúcar, não se aprofundando como foram escravizados e nem esclarecendo à temática.

O livro traz perguntas em formas de pesquisas para os alunos pesquisarem sobre a população da sua região e por quais etnias foram formadas, demonstrando que não é um livro regional e sim construídas para todo o território nacional.

O tema sobre imigração é apresentado no livro sempre trazendo como os europeus vieram para o Brasil e quais foram às regiões que mais povoaram. Refere-se sobre a migração

que os brasileiros fazem nos estados e regiões, trazendo fatores como: fome, desemprego e busca por melhores oportunidades entre outras coisas.

O subtópico mais interessante é “Diferenças étnica-culturais e desigualdades sociais”, de onde vem trazendo o termo miscigenação e como se dá a mistura de diferentes povos e culturas; trazendo os traços físicos das pessoas, os costumes e as tradições; não se referindo a cor e nem a raças que envolvem o povo brasileiro; trazendo as desigualdades sociais e suas mazelas.

Após isto, o livro traz as diversidades geográficas das regiões e suas características. Apresenta a região Norte como sendo habitada pelos indígenas e o seu modo de vida como: costumes, dialetos, vegetação, indústria entre outros, finalizando o 1º capítulo do livro.

No 2º capítulo do livro expõe a região Nordeste com os estados e as suas divisões entre os estados e as questões problemáticas das variações climáticas, da economia e da agricultura. Na história da formação cita a população indígena como pacífica que auxiliaram os europeus antes da colonização, porém deixa claro que quando começou a colonização foram eliminados pelos portugueses por terem conflitos constantes em batalhas com os senhores de engenho.

Apresenta a seguinte informação de que necessitando de mão-de-obra barata escrava nas lavouras, os europeus trouxeram os negros africanos para trabalharem no cultivo e na produção do açúcar nos engenhos, não se referindo como veio, seu modo de vida; sua cultura ou a condição ao qual foram submetidos.

Demuestra acerca da data do “descobrimento do Brasil” por Pedro Álvares Cabral na cidade de Porto Seguro, no estado da Bahia, afirmando necessitar de mão-de-obra escrava e que surgiram mais imigrantes para trabalhar contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural do Nordeste. O termo miscigenação étnica e cultural é referenciado com os povos: brancos, indígenas e negros como sendo os pilares para a formação da população do Nordeste, porém, não acontecendo de forma uniforme, não trazendo mais detalhes de como ocorreu e o por quê?

Mostra-se que nas regiões do Ceará, Paraíba e no Rio Grande do Norte se predominavam os caboclos; já na Bahia e no Maranhão os mulatos e os cafuzos comuns no Maranhão, não trazendo o termo negro e nem a cor preta para o livro.

Quando se trata de quantidade, traz a referência que ¼ dos nordestinos tem origem europeia, sobretudo portuguesa, não dando ou trazendo nenhum outro dado sobre os negros africanos ou indígenas e afirmando que essa contribuição ajudou na diversidade cultural do nordeste, menosprezando as outras etnias, trazendo como uma forma simbólica de que a

cultura portuguesa foi a mais importante para a construção cultural dessa região. Logo, comprova que essa imagem deturpada da história brasileira ainda se perpetua e mantém no imaginário social e educacional de nosso país.

As variedades culturais e das microrregiões que surgirão dessa mistura são apresentadas em forma de grupos como: jangadeiro; rendeiras; coletor de coco; vaqueiro; barqueiro entre outros. Juntamente com as variações linguísticas existentes entre os estados e os seus significados variados para os mesmos objetos e frutas.

Portanto, a região Nordeste é a que ainda aborda um pouco sobre conhecimentos sobre os afrodescendentes, porém sempre os referindo como negros africanos e de forma pejorativa. Feito para trabalhar, desprovidos de qualquer outro significado social ao qual não seja o trabalho, sem inteligências ou feitos sociais e econômicos.

Já na região Sul é apresentado como sendo ocupada por indígenas assassinados e aprisionados por paulistas bandeirantes tendo atualmente o maior número de imigrantes europeus como: italianos; alemão; poloneses, ucranianos entre outros. O livro traz sempre a reflexão sobre as transformações dos espaços geográficos juntamente com as histórias e mudanças ao qual ali estiveram.

Na região Sudeste traz a formação histórica pelos jesuítas, espanhóis, os indígenas que habilitava a região e a sua chegada às plantações de cana-de-açúcar dos negros africanos sempre como escravos que também trabalharam nas lavouras de café.

As autoras fazem uma relação da economia, principalmente da região Sudeste e a sua ascensão, com a formação dos povos brancos, negros e indígenas e também a contribuição dos imigrantes europeus que também ajudaram nessa formação como: italianos, árabes e poloneses. Não se refere a mais nada sobre a cultura existente nesta região.

Em relação às imagens apresentadas no livro, pode-se dizer que apresenta muitas imagens de crianças brancas e negras demonstrando felicidade e alegria em todo o conteúdo, porém com algumas diferenças entre essas representações.

Desta forma na página 7 apresenta o mapa do Brasil com diferentes imagens de pessoas ao qual representa a geografia contendo duas pessoas negras; uma pessoa indígena; um aparentemente da cor parda e uma mulher branca na imagem, demonstrando assim a diversidade entre as raças. Já em outra imagem apresentam-se várias pessoas de mãos brancas juntas segurando a representação do globo terrestre, demonstrando que o mundo é feito efetivamente por pessoas brancas ao qual fazem de tudo para mantê-los unidos, dando a simbologia de que são os guardiões do planeta terra e os outros nesse caso que não é branco, não fazem parte dessa igualdade.

Assim sendo, a imagem da página 13 é apresentada novamente com o globo terrestre segurado por cinco jovens na fase da adolescência, onde contém: um garoto e uma garota negra e o restante são dois garotos brancos juntamente com uma garota branca. Representando na imagem que os nossos jovens são a maioria de brancos existentes na sociedade e que temos uma parcela pequena de jovens negros, ao qual simboliza o futuro da educação e da sociedade que estamos vivendo e o que podemos almejar.

Desta forma vêm apresentadas no livro diferentes imagens contendo uma ou duas crianças negras representadas, indicando uma análise de que as autoras querem mostrar como uma forma de diversidade entre a população brasileira ou como forma de inclusão no cenário social. Nas imagens do 2º capítulo temos a representação da formação histórica da região Nordeste, que vêm apresentando pessoas negras trabalhando em lavouras de cana-de-açúcar, nas cozinhas das casas grandes dos senhores de engenho e trazendo assim uma única imagem com a festa tradicional do São João como algo cultural.

A capoeira vem sendo apresentada em formato de dança na Bahia no Farol da Barra, a população indígena apresentada ainda como pessoas primitivas do período do descobrimento do Brasil e algumas pessoas da cor parda nas imagens.

A partir da análise das imagens, observa-se que não existe menção sobre a sociedade brasileira por grupos étnicos; o que são apresentados são os grupos étnicos através da miscigenação étnica e cultural, que foram formados nas regiões, sendo predominantemente o branco, o negro e o indígena, trazendo no capítulo 2º na região Nordeste umas imagens enfatizando os costumes que a população construiu através dessa mistura, não fazendo nenhuma referência a nenhuma predominância de uma etnia ou raça.

Assim, o livro demonstra não haver desigualdades sociais se não for atribuído pela classe não se referindo à etnia e a raça, pois, o mesmo não menciona nada específico ao que tenha levado com suas causas e consequências para que isto tenha ocorrido no país, sobre os diferentes povos e as suas histórias.

Trazendo sempre as transformações sociais ao qual fez o país passar de agrícola para industrializado e os seus benefícios para o Brasil na totalidade, não se referenciando em nada aos trabalhadores afro-brasileiros nessa construção.

Ao analisarmos todo o conteúdo do livro, percebe-se que não traz nenhuma explicação sobre os descendentes africanos, ou melhor, afro-brasileiros ao qual aqui estão, trazendo como simbolismo que é algo natural que existiu na nossa história, sem nenhum aprofundamento ou reivindicação por parte desses povos.

As desigualdades sociais ao qual existem são atualmente mencionadas, porém não trazem os fatos históricos ao qual tenha provocado ou ocasionado isto, sendo totalmente excluído deste processo. Mostra-se que a população negra africana não deu nenhuma contribuição cultural para a sociedade referindo-os como trabalhadores de lavouras de cana-de-açúcar e de cafezais, sempre na condição de pessoas escravizadas que fornecia a mão-de-obra mais barata no caso, sem algum direito para nada mais, além disto.

Observa-se que o livro do 5º ano de geografia da Coleção Sucesso Sistema de Ensino, não apresenta nenhuma referência de contribuição plausível à formação do povo brasileiro. Apresentando a miscigenação dos três povos negros, brancos e indígenas como sendo a mistura e a formação dessa nação, não se aprofundado em nenhuma destas como formadoras ou que tenha trazido mais contribuições que outra, e inexistindo assim as contribuições de Matrizes Africanas.

Expondo sempre superficialmente a contribuição dos povos originários, com foco na cultura, na colonização e apresentando os povos indígenas como os primeiros habitantes ao qual aqui esteve, e os negros africanos como a mão-de-obra escrava nas lavouras de cana-de-açúcar e em alguns trechos as de café, se ausentando de qualquer responsabilidade histórica de conhecimento.

Desta forma o livro necessita de uma reformulação nos conteúdos trazidos, pois as informações deverão ser mais profundas e embasadas historicamente no período da colonização de Portugal ao qual fizeram no Brasil, mostrando o genocídio ao qual cometeram com os povos indígenas, não apresentados como os donos da terra e sim apresentados como os primeiros habitantes que foram passivos e coniventes com os portugueses e as suas ações.

Evidenciando as reais consequências ao qual a população negra africana teve aqui no Brasil e no continente africano, a omissão do governo brasileiro ao amparo da população negra e indígena. Desencadeando as exclusões que formaram as desigualdades sociais, culturais, raciais e preconceituosas existentes até hoje no imaginário social e efetivo de nossa população.

Ao revelar estas consequências do período escravocrata e pós-colonial no Brasil é que refletimos ainda hoje os ranços desses povos brancos ditos civilizados ao qual querem nos salvar. No entanto, é preocupante a vinculação deste livro didático para as escolas particulares brasileiras, pois continuam mantendo o sistema racista como formação educacional para a dominação da branquitude nos bancos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu evidenciar que apesar das pequenas mudanças e um evidente esforço empreendido para a construção desse arcabouço pedagógico, há muito caminho ainda a ser percorrido para se alcançar um currículo decolonial que reconheça e potencialize as diversidades existentes na sociedade.

É imperativo repensar e reconstruir o currículo da educação brasileira para estabelecer mecanismos de combate e superação do racismo e das desigualdades existentes, pois, o currículo é um instrumento do poder, enquanto este não dialogar com as lutas dos movimentos sociais e não aspirar às transformações que devem ocorrer, as escolas brasileiras permanecerá sendo principais laboratórios de racismo, da estratificação social e reprodutora das desigualdades seculares.

Essa mudança passa necessariamente pelo reconhecimento dos problemas fundantes deste País e a consciência histórica dos eventos (escravidão, colonização, extermínio de povos indígenas e população preta) que marcaram a construção desta sociedade e a partir de então pensar na elaboração de instrumentos pedagógicos inspirados nas especificidades da sociedade brasileira com construção de novas narrativas desprovidas de racismo a respeito dos negros e indígenas. Igualmente, no investimento, na pesquisa e na descolonização da imagem do continente africano e no entendimento dos povos africanos escravizados no Brasil enquanto sujeitos históricos e não como objetos.

As instituições brasileiras, particularmente as escolas, reproduzem o racismo, a discriminação e as desigualdades sociais, essa realidade poderá ser invertida quando todos os brasileiros tomarem consciência da sociedade sofrida que é, e assumir a responsabilidade de lutar contra o racismo como um problema social e não de preto.

REFERÊNCIAS

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Globo,2016.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte:Mazza Edições, 1995.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Seara nova 1975. Empresa de Publicidade Seara.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder,Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latino-americano de Ciências Sociais,2005.